

A INVENÇÃO DA JUVENTUDE EM JOYCE E SALINGER: Retratos do artista quando jovem

**Fábio Pereira Figueirêdo/ (PPGLI/UEPB)
Email:fabipsicanalise13@yahoo.com.br**

Reservo-me no início deste artigo um ato confessional: as obras que ora pretendo novamente escutar fizeram (e fazem) em minha alma grande rebuliço, lembro vivamente de cada primeiro encontro, com cada um dos textos, em momentos distintos da minha vida, e olhando pelo retrovisor, experimento cada sensação advinda daquelas primeiras leituras; textos que me falam de certa juventude da qual à época ainda não experimentara e por isso mesmo me causava uma profunda inquietação do tamanho da medida do “não inteligível” descrito por *Jean Paul Sartre* em “As Palavras”. As demais leituras feitas na adolescência e na idade adulta vieram revestidas de outras cores e sabores; na juventude, instigando ainda mais uma rebeldia inata e me mostrando outros caminhos a trilhar, qual seja, o da contra cultura, ou, como alguns desejam da cultura alternativa. Na idade adulta uma leitura mais exigente buscando aquilo que está nas entrelinhas, o “não dito”, e caminhando à partir do texto para o que está na sua exterioridade: A própria **VIDA**. Lembro aqui *Ítalo Calvino* (1995, p.10) “Dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado; mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los”.

Relendo os textos em questão pude observar que para além de uma observação mais óbvia, qual seja, os dois textos revelam retratos de jovens curiosos e inconformados (representantes de suas respectivas épocas) muitos outros pontos de convergência e divergência nos são possibilitados à partir de uma leitura comparada. *Tânia Franco Carvalhal* em compêndio intitulado “Literatura Comparada,” (1986, p.07) nos adverte:

Pode-se dizer, então, que a literatura comparada compara não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe. Em síntese, a comparação, mesmo em estudos comparados é um meio, não um fim.

O torpor generalizado denunciado insistentemente pelos canais midiáticos contrasta enormemente com o “retrato do jovem” apresentado nestas obras singulares da literatura universal. A 1ª delas “A Portrait of the Artist as a Young Man” lançada pelo autor irlandês *James Augusta Joyce* em 1916 nos apresenta um personagem de tintas humanitárias leitor de *Bakunin* e *Proudhon* e que se quer um “artista socialista” que defende medidas revolucionárias contra a opressão britânica. A busca inicial pelo pai (*Stephen Dedalus* é na verdade uma paródia de *Telêmaco*) transfigura-se ao longo da narrativa na busca de um sentido para a própria existência. O segundo texto “*The Catcher in The Rye*” (*O Apanhador no Campo de Centeio*) do autor americano *J.D. Salinger* traz à nossa reflexão o personagem *Holden Caulfeld* que denuncia com um misto de ingenuidade e cinismo o “american way of life”, e de certa forma, a vida adulta de um modo geral. O que pretendemos com este trabalho é traçar paralelos, através do método comparativo, entre os dois personagens, delineando desta maneira faces distintas de uma juventude que simboliza períodos históricos bastante diversos; através dessa análise pretendemos então refletir sobre a condição do jovem na sociedade contemporânea.

A temática proposta para o **V Colóquio Cidadania Cultural/2011-Jovens nos Espaços Públicos e Institucionais na Modernidade – Literatura, Cultura Popular e de Massa**, nos traz um questionamento central: *O que significa ser jovem hoje?*

Boa parte dos estudos que versam atualmente sobre a temática da juventude traz uma ideia bastante recorrente de que o modelo de jovem que povoa o nosso imaginário fora fundado à partir do início do século passado, basta lembrar que num passado mais remoto, que hoje visitamos através dos escritos históricos ou dos filmes de época, uma figura recorrente era a do adolescente alçado a condição de soberano de um determinado povo, arcando com todas as responsabilidades decorrentes desse cargo, ao passo em que, atualmente outro mito acaba por delinear uma fotografia bastante generalista do jovem contemporâneo: “alienado”, “idiotizado”, “preguiçoso”, “descompromissado”, “consumista”, dentre outros epítetos menos elogiosos, como diria “um analista amigo meu” o adolescente é um adulto de férias. A esse respeito nos aponta o psicanalista *Contardo Calligaris*:

A adolescência é uma criatura um pouco monstruosa, sustentada pela imaginação de todos, adolescentes e pais. Um mito, inventado no começo do século XX que vingou sobre tudo depois da Segunda Guerra Mundial, é o prisma pelo qual os adultos olham os adolescentes e pelo qual os próprios adolescentes se contemplam. Ela é uma das formações culturais mais poderosas de nossa época. (2000, p.09)

Dessa maneira, boa parte desta “invenção” foi propiciada pelo texto ficcional, é importante colocarmos em evidência aqui que verdadeiros ícones da juventude de cada época foram retratados inicialmente nas páginas literárias, senão vejamos:

- a) **O GRANDE GATSBY** – lançado inicialmente em 10 de Abril de 1925 somente estoura após a crise econômica de 1930, mais precisamente na década de 50 anunciando a crítica ao “sonho americano” e proclamando a “Era do Jazz”
- b) **ON THE ROAD** – O grande livro da literatura beatnik conta as aventuras de *Sol Paradise* (alter ego de *Jack Kerouac*) nas suas andanças pelos EUA, lançado em 1957 se torna uma marco da contra cultura e bastante representativo da juventude dos anos 60.
- c) **HELL’S ANGELS – Medo e Delírio Sobre Duas Rodas** – O Olhar singular de *Hunter S. Thompson* revela o final do sonho “flower power” e a loucura e violência do fim dos anos 1970.
- d) **O LOBO DE WALL STREET** – livro do autor americano *Jordan Belfort* que revela com crueza a trajetória surreal de um verdadeiro yuppie americano, trazendo à tona toda uma ideologia capitalista e selvagem dos anos 80.

As duas obras, aqui estudadas, parecem se inserir numa determinada tradição nominada pela crítica como “Romance de Formação”, ou seja, são textos que apresentam (através dos seus personagens) o processo de desenvolvimento físico, moral, psicológico, estético, social e político.

Stephen Dedalus o herói joyceano não é um jovem qualquer, facilmente identificado com o próprio autor, apontado por alguns críticos como *Anthony Burgess*, como uma espécie de alter-ego do escritor irlandês, esse personagem incomum nada mais é que a recriação de *Telêmaco* o célebre rebento do *Ulisses* homeriano que parte de *Ítaca* em busca do ansiado pai.

Assim como *Telêmaco*, *Dedalus* encontrará a desejada figura paterna, primeiro em *Buck Mulligan* que vagará com ele pelas ruas de *Dublin* e tentará suprir as suas inquietudes estéticas, depois, na figura do próprio *Leopold Bloom* que lhes apresentará certa vida mundana, a seu modo, vale lembrar que o encontro entre esses personagens somente se dará no *Ulysses*, pois, enquanto personagem *Dedalus* já fora *Stephen Hero* e desemboca em *Ulysses* como uma re-criação de *Telêmaco*; no *Retrato do Artista Quando Jovem* é por demais evidente todo o processo de desenvolvimento da personalidade do herói; de início *Dedalus* se concentra em narrar algumas experiências da infância com os pais e a ida para o internato jesuíta de *Conglowes Wood*; numa segunda etapa se evidencia todo o deslumbramento de *Dedalus* com a experiência epifânica da arte, a descoberta da arte na adolescência muda os paradigmas

éticos do herói e lhes permite um novo olhar sobre o mundo e as pessoas que o cercam, e finalmente, ele rumo para a idade adulta deixando o ninho paterno e indo aventurar-se pelo continente. Tudo isso vai sendo narrado capítulo a capítulo como em camadas superpostas, diversas peles, que se sobrepondo umas as outras, vão formatando o nosso herói, assim entende *Richard Ellman* em alentado tratado intitulado “James Joyce” (1989, p.373):

Stephen, fascinado, no primeiro capítulo, pelas imagens não formadas, é em seguida convocado pela carne, e depois pela Igreja, o segundo capítulo acabando com um beijo de língua de uma prostituta, o terceiro com ele recebendo a hóstia sobre a língua. A alma que foi arrebatada pelo corpo no segundo capítulo, e pelo espírito no terceiro (ambos representados em imagens sensoriais) depois ouve o chamado da arte e da vida, que abrange os dois sem se curvar diante de nenhum, no quarto capítulo, o processo está virtualmente completo. De maneira semelhante, a queda no pecado, primeiro um terror, aos poucos se torna uma parte essencial da descoberta do eu e da vida.

Dessa maneira, as instituições – a **família, o internato, a igreja e as artes de um modo geral** - exercem sobre o jovem artista um importante papel formador, e ele mesmo eventualmente praguejando, principalmente contra os padres, termina por reconhecer a importância de uma certa erudição recebida naquelas plagas..

Paradoxalmente a certa rebeldia juvenil inata ao personagem, podemos perceber que, diferentemente de *Holden Caulfield*, *Stephen* é um personagem que busca o reencontro, um lar, uma paternidade, ou seja, numa linhagem edípica de pensamento ele “mata” o pai, para posteriormente “ressuscitá-lo” fazendo uma transição senão tranquila e feliz para a vida adulta, pelo menos, a que se espera nessa circularidade; *Caulfield*, ao contrário, desdenha de todo e qualquer caráter formativo dessas instituições e dos adultos de um modo geral, tendo imortalizado a frase: “não confie em ninguém com mais de trinta anos”. *Caulfield* não encontra a redenção na arte, mas antes, na pura e simples contestação, tornando-se um precursor dos hippies e outros contestadores mundo afora.

A Obra prima de *J.D. Sallinger* é publicada oficialmente em 1951, porém, encontra o seu apogeu nas duas décadas seguintes, ou seja, nos anos 60 e 70, tornando-se uma obra fundamental para quem deseja entender os movimentos de contra cultura que surgiram nesse período. Nesse sentido “O Apanhador no Campo de Centeio” influenciaria diversos movimentos à partir desse período, tais como: o movimento beatnik, o flower-power, a cultura hippie, os freaks, e finalmente o movimento punk.

O personagem central da obra *Holden Caulfield* perfaz um périplo totalmente diverso do herói *joyceano*; enquanto que *Stephen Dedalus* anseia por aprendizagem estética e o reencontro com a figura

paterna, *Caullfeld* busca “esquecer”, esquecer os ensinamentos dos adultos, e principalmente, tudo o que aprendera no internato de *Angerstown* na *Pensilvânia*. A publicação oficial se dá em 1951, porém, encontra o seu apogeu nas duas décadas seguintes, ou seja, nos anos 60 e 70, livro fundamental para quem deseja entender os movimentos de contra cultura.

De certa forma se criou certo mito acerca da obra em questão, pois nos conta algumas narrativas mais recentes de que *Marc Chapman* o executor de *John Lennon* ao ser pego em flagrante após o ato portava em sua bolsa um exemplar do compêndio, o mesmo acontecendo com o maníaco que atentou contra a vida do ex-presidente americano *Ronald Reagan*. A obra se tornou tão icônica de certa rebeldia que a banda pós-punk americana *Green Day*, escreve uma letra, que tenta investigar os meandros da composição da obra, e da sua relação com o estilo de vida do autor, intitulado “Who wrote Holden Caullfeld?” (Quem criou Holden Caullfeld?) mais uma vez as relações (por vezes perigosa) entre literatura e fato social se fazem evidentes.

A narrativa se passa em apenas 03 dias do mês de Dezembro de 1949, a partir da expulsão de *Holden Caullfeld* do internato de *Angerstown* na *Pensilvânia*, chegando em *Nova York* (sua terra natal, (assim como a do autor), o personagem vaga pelas ruas da metrópole encontrando um primeiro abrigo num pequeno hotel de 5ª categoria que nos lembra as locações de *Charles Bukovski*, lá mantém contato com outros adolescentes e com uma prostituta, posteriormente ao dormir na residência do professor *Antolini*, que possivelmente comete um abuso sexual contra o mesmo (simbolizando uma perda de uma certa inocência), e que, com um certo cinismo o ensina: “A marca do homem maduro é viver humildemente por uma causa, ao invés de morrer nobremente por ela”

Neste breve levantamento para produção deste ensaio podemos encontrar, então, através do escopo literário duas representações distintas do fenômeno juvenil, que de certa forma, são retratos de suas respectivas épocas captados pelos eminentes autores, que souberam através das suas penas interpretar os traços da nossa cultura que sinalizam um momento especial do humano e que nos reafirma a passagem para a vida adulta como um verdadeiro enigma.

REFERÊNCIAS:

ANDERSON, Chester G. *James Joyce*. Col. Vidas Literárias. Trad: Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor,1986.

BURGESS, Anthony *Homem Comum Enfim – Uma Introdução a James Joyce Para o Leitor \Comum*. Trad: José Antônio Arantes. São Paulo: Companhia das Letras,1994.

CALVINO, Ítalo. *Por que Ler os Clássicos?* Trad: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CALLIGARIS, Contardo. *A Adolescência*. Col. Folha Explica. São Paulo: Publifolha,2000.

CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada*. Série Princípios. São Paulo: Ed. Ática, 1986.

ELLMAN, Richard. *James Joyce*. Trad: Lya Luft. São Paulo: Ed.Globo,1989.

JOYCE, James. *Dublinenses*. Trad: José Roberto O’Shea. São Paulo: Siciliano, 1993.

_____. *O Retrato do Artista Quando Jovem*. Trad: José Geraldo Vieira. São Paulo: Ediouro, 1987.

_____. *Ulysses*. Trad: Antônio Houaiss. São Paulo: Civilização Brasileira,1968

_____. *A Portrait of The Artist As a Young Man*. New York: Dover Publications,2011.

O’BRIEN, Edna. *James Joyce*. Col. Breves Biografias. Trad: Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

SALINGER, J.D. *O Apanhador no Campo de Centeio*. São Paulo: Ed.do Autor,1999.

_____. *The Catcher in The Rye*. New York. Back Bay Books,2001.